

Reposição de estoques não assusta os varejistas

Apesar dos maus presságios para janeiro, os empresários das indústrias e do varejo não estão se digladiando, como ocorreu no início de 1990. Os estoques agora são bem mais reduzidos, mas a reposição não chega a assustar as empresas, diante da previsão de queda maior de vendas em um período tradicionalmente fraco. Quem precisou se reabastecer em dezembro, enfrentou aumentos de até 100%, caso dos remédios; de 53% das cervejas e 32% do leite. As tabelas de janeiro chegam mais lentamente, mas deixam claro que os reajustes foram indexados à inflação de 19,39% em dezembro: os aumentos variam de 17% a 25%.

Os preços da Nutrícia foram reajustados em 20% e o Presidente Samuel Benoliel não se mostra preocupado com o baixo nível de estoques. Explica que procura acompanhar o giro de mercado nas lojas e supermercados, que enfrentam queda de 25% a 30% no movimento de vendas. A União Fabril Exportadora, que

produz sabões, está adiando o envio da tabela e opera com o estoque mais baixo possível. A justificativa pode deixar os consumidores ainda mais intranquilos. A matéria-prima — óleo babaçu — subiu 80% e, segundo o Gerente de Marketing, Gilberto Rabello, é difícil repassar esse índice ao preço final.

No setor de supermercados, as negociações começaram em doses homeopáticas. Após receber cerca de 30 fornecedores, o Diretor Comercial do Rainha, Francisco Esteves, concluiu que os aumentos variaram de 20% a 25%. Mas, segundo outros compradores, algumas indústrias continuam enfrentando a oferta reduzida com aumentos expressivos: a Orniex apresentou os produtos reajustados em 40%; os queijos lanchão e muzzarella subiram 50%, margarinas, 32% cervejas, 36% e certas marcas de refrigeradores, 64%.

Para quem compra a prazo, esses índices sofrem o acréscimo

dos custos financeiros (21% em 28 dias), que certamente são repassados ao preço final. E algumas indústrias já cobram juros de 1% dos varejistas que atrasarem o pagamento. Entre os supermercadistas, existe ainda a preocupação com os produtos agrícolas: o arroz aumentou 40% devido à pequena oferta e a carne quase 30%, pelo início das exportações.

No setor de confecções, após os conflitos gerados por aumentos de até 50% da matéria-prima e da polêmica margem de juros em janeiro, o quadro agora é definido até como de estabilidade. Com as vendas fracas, a Phillip Martin está com estoque de reserva para dois meses e os dirigentes não reclamam mais dos reajustes. Na gráfica Imprimo, o estoque está reduzido em 30% e o Diretor César Caluma também considera razoável o último aumento de 19,5% do papel. A Du Loren aumentou seus produtos em 20% e a Faet diz que mantém os preços de novembro devido às vendas fracas.